

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO DO
ESPAÇO - REGISTRO DE PALESTRAS REALIZADAS PELO PROF. JACQUES MALÉZIEUX

Neiva Otero SCHÄFFER
Boletim Gaúcho de Geografia, 17: 73-81, out., 1989.

Versão online disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38007/24488>

Publicado por
Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - out., 1989

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO
Registro de palestras realizadas pelo
Prof. Jacques Malézieux

Org. Neiva Otero Schäffer*

INTRODUÇÃO

De 24 a 26 de agosto de 1988 o PROPUR- Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Faculdade de Arquitetura da UFRGS- promoveu um ciclo de palestras sobre "O processo de industrialização e a organização do espaço", que contou com a participação do Prof. Dr. Jacques Malézieux, do Instituto de Geografia da Universidade de Paris. Esta promoção teve o apoio do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Do programa do ciclo constaram quatro palestras que versaram sobre evolução recente e interdependências entre industrialização e urbanização, implicações atuais das transformações industriais e a organização dos espaços urbanos.

O que se apresenta a seguir é o registro que foi feito no decorrer destas palestras, de forma sumarizada. O texto tenta ser fiel às colocações feitas pelo Prof. Malézieux, não incluindo nenhuma complementação, mesmo aquelas derivadas dos debates finais.

Ainda que a abordagem esteja centrada na realidade da França e dos velhos países industrializados, os elementos discutidos são importantes para o entendimento do processo mundial de organização da indústria e seus efeitos sobre o urbano.

* Professora do Departamento de Geografia da UFRGS.

Industrialização e urbanização

Para o Prof. Jacques Malézieux, nos velhos países industrializados, como é o caso da França, há uma relação fundamental de interdependência entre indústria e urbanização. Tal relação se verifica tanto pela criação de cidades novas quanto pelo rápido crescimento das antigas. Esta relação tem sido vista como uma relação de dominação do processo industrial sobre o de urbanização.

A lógica industrial, nestes países, se impôs ao urbano levando a mudanças estruturais no espaço. São exemplos desta relação as cidades das áreas mineiras e têxteis, nas quais a intenção maior foi a reprodução da força de trabalho e onde o paternalismo, como procedimento de controle sobre a mão-de-obra, fez com que o essencial da produção fosse assumido pela empresa.

Este modelo do século XIX, salvo nas grandes cidades, marcou profundamente mesmo o período industrial mais recente (1945-75), quando a industrialização nos países antigos europeus foi caracterizada pela implantação das grandes unidades de produção (economia de escala). Estas cidades respondem a dois esquemas de produção: à produção de bens de base e de transformação e ao trabalho em cadeia. Neste modelo de produção a urbanização deve atender às necessidades da população operária, garantindo a sobrevivência da força de trabalho. Assim, de 1945 a 1965 o modelo urbano adotado aproximou-se do precedente. Constituiu-se basicamente pela presença de grandes instalações industriais junto às quais localizavam-se grandes conjuntos habitacionais ocupados quase exclusivamente por população operária. Em praticamente todas as cidades que conheceram este modelo de organização do espaço crises sociais e urbanas foram verificadas.

Estas crises, a par de afetarem a eficiência técnica na fábrica, geraram reivindicações operárias por melhores condições de trabalho e habitação, provocando um repensar do modelo. Uma das consequências será o surgimento de loteamentos destinados à habitação e dotados de equipamentos elementares. Este modelo será marcado por cidades com grandes plantas industriais, mas cujos operários moram longe do trabalho. Tal distribuição espacial exigiu uma razoável rede de transportes para recrutar a mão-de-obra e provocou um comportamento urbano totalmente diferente daquele onde fábrica/habitação operária estavam concentradas. Esta foi a tendência verificada entre os anos 1965 e 1975. A ela corresponderam movimentos de naturezas diferentes, via reurbanização ou periurbanização, e que ocorreram em muitas cidades francesas.

No final do período houve forte tendência à dissociação entre a atividade industrial e o meio urbano. Esta dissociação foi procurada tanto pela cidade, na medida em que a lógica social - no caso urbana - se impôs sucessivamente à lógica industrial e econômica, quanto pela indústria. Esta transferência/mudança de modelo levou ao aumento do custo econômico da produção. Nestes países, os efeitos sociais da crise internacional de 1973/1975 foram, então, incrementados pela transferência das plantas industriais velhas para novos países, sobretudo asiáticos.

O atual período - 1975 a 1987 - é marcado por dois movimentos. Um de forte regressão das indústrias antigas e outro, menos importante, de surgimento de novas opções industriais. A relação industrialização/urbanização assume um duplo aspecto, visto que ao acompanhar a desindustrialização as cidades industriais passaram a sofrer declínio e degradação, com surgimento de vazios urbanos correspondentes às abandonadas atividades industriais. Este fenômeno,

por sua importância, vem sendo acompanhado, na França, tanto pelos órgãos pertinentes quanto pelas coletividades. Estas, nos últimos anos, vêm recebendo do poder central apoio no sentido de agir para o desenvolvimento econômico e social local.

Por outro lado, novas relações deverão decorrer do processo de nova industrialização que se caracteriza por certo número de dados importantes. Entre estes estão a redução de insumos, a intelectualização acentuada, a interdependência de funções, o crescimento forte de pequenas empresas e de pequenas unidades técnicas, a reduzida mão-de-obra de alta qualificação e remuneração. Neste contexto as comunidades locais procuram agir no sentido de reverter os efeitos da antiga urbanização, buscando um modelo arquitetônico e urbanístico que tem se caracterizado pela alta qualidade dos equipamentos espaciais e que responde a um verdadeiro marketing.

Esta transformação no quadro da produção industrial pós 75, e que se reflete na urbanização, pode ser diferenciada em dois momentos. O primeiro (de 1975 a 1981) teve por característica maior o declínio da produção industrial tradicional. O segundo (1981 aos dias atuais) é marcado pela expansão de um novo modelo industrial.

O movimento de regressão tem os pontos fundamentais ligados às indústrias de base, às de transformação e às de bens de consumo que são tradicionais na Europa. A debilidade em recursos minerais e energéticos impôs à indústria européia uma dependência a áreas ultramarinas que hoje desenvolvem indústrias próprias, representando um ônus. Da mesma forma os custos sociais e salariais de mão-de-obra representavam um obstáculo à manutenção destas indústrias exigentes de trabalhadores. Como indústrias envelhecidas foram condenadas, ainda, por aspectos de ordem estrutural, como a crise financeira internacional e os jogos especulativos nas bolsas de in-

vestimentos internos.

Já o movimento de expansão tem características importantes decorrentes de atividades que ocupam grande quantidade de profissionais de alto nível (indústria de alta tecnologia) ligados a alguns domínios que visam produzir matérias e equipamentos novos na área da informática (dirigida a diferentes ramos da indústria, comércio e serviços), na área aeroespacial e da engenharia biológica. Paralelamente, vem ocorrendo o desenvolvimento de funções periprodutivas, como as atividades de pesquisa, concepção, gestão, normatização, divulgação, distribuição e manutenção. Enquanto as atividades produtivas são desenvolvidas nos países periféricos, as periprodutivas localizam-se nos países centrais, caracterizando a especialização dos mesmos.

Outra característica desta etapa de desenvolvimento industrial é a tendência inversa à de economia de escala, com integração de empresas. Agora cada empresa se especializa e é identificada, no espaço físico, pela redução do porte do estabelecimento. Mesmo as grandes empresas estão divididas em numerosas filiais com certa autonomia. Verifica-se um movimento político e social que conduz à criação de novas empresas na forma de pequenas unidades. A informática é utilizada de forma intensiva nas mais diferentes funções e as empresas desenvolvem forte automação. Há assim a utilização de reduzida mão-de-obra total, mas que deve possuir alta qualificação.

Decorre desta configuração da produção industrial o desenvolvimento, em todos os domínios, das comunicações, que se dão em escala internacional.

As consequências espaciais dos dois movimentos (regressão-expansão) podem ser verificados em diferentes escalas geográficas.

Na França verifica-se uma oposição espacial entre as áreas

de industrialização velha e as novas. As atividades industriais de características modernas são atraídas pelos espaços metropolitanos- (Paris, Lion, por exemplo) e para alguns novos espaços urbanos no sul do país, cujo ponto maior de atração está no caráter aprazível-do ambiente. Tratam-se, neste caso, de empresas que não têm nenhuma necessidade ambiental específica.

Observa-se, com isto, um fenômeno de "tecnopolização", isto é, a formação de espaços que têm características de "tecnopólos". São áreas que reúnem centros de formação superior e de pesquisa, instituições financeiras, instituições administrativas e técnicas, e outras capazes de gerar um "berçário" de empresas. Há um espaço, portanto, de "fertilização" que permite aos países velhos a inovação tecnológica. As metrópoles são, em princípio, as aglomerações capazes de atender aos tecnopólos, ao mesmo tempo em que elas têm um potencial para gerar metrópoles em espaços novos.

Em escala nacional há a emergência de espaços dinâmicos em áreas que não tinham tal característica. No caso francês, em escala regional, resultou uma oposição entre sul e norte, entre espaços industrializados e não industrializados, e numa organização mais autônoma, tendo em vista, a nova divisão administrativa do país.⁽¹⁾ Na escala local há problemas ligados, seja às cidades velhas, seja às novas, que comportam problemas específicos de gestão do espaço. As iniciativas tomadas respondem tanto às necessidades de atender às áreas industriais velhas, com movimentos de regressão, como às áreas novas que se caracterizam por crescimento industrial. Estes mo

(1) A nova divisão foi decretada em 1982. Por ela compete aos municípios a gestão do desenvolvimento urbano e dos equipamentos mais próximos às necessidades cotidianas da população (Espaço e Debates nº 24 - Ano VIII-1988 - pág. 40/41).

vimentos diferenciados engendram problemas específicos que exigem intervenção cuja responsabilidade está afeta a várias ordens: às comunidades regionais, na maioria das vezes, ao Estado e, excepcionalmente, à Comunidade Económica Europeia.

A regressão industrial é marcada pelo fenómeno dos vazios industriais e é responsável pela presença de espaços urbanos abandonados, antes produtivos e plenos de serviços relacionados à atividade industrial. É um processo que atinge a unidade produtiva, mas que tende a se propagar pelo tecido urbano. Esta propagação se dá pela degradação económica, social e cultural da comunidade. Independente da escala do vazio eles representam para cada cidade um declínio de empregos e impostos e a perda de vitalidade da comunidade. A infra-estrutura e os equipamentos que estavam a serviço da indústria ficam sub ou não utilizados. Impõe-se manter ou recuperar estes espaços que perderam o sentido original e que expõe a desestruturação económica, social e espacial. A presença destes vazios representa, por sua vez, um obstáculo à inovação urbana, ainda que crie uma disponibilidade fundiária abrindo perspectivas de uso futuro. No entanto, muitos destes usos só poderão ser usados a longo prazo e a altos custos. A intervenção, para achar uso económico e social para estes espaços supera, muitas vezes as possibilidades das comunidades locais.

Outra categoria de vazios resultantes de regressão industrial é aquela dos vazios sem perspectivas de recuperação. Neste caso estão aqueles vazios que afetaram de tal maneira o espaço que o volume de gastos para sua recuperação é tamanho, que o caminho escolhido é o da eliminação total das áreas construídas, suprimindo completamente os sinais da indústria antiga, a velha imagem. O tratamento é de grande escala.

Para as áreas do conhecimento que abordam as questões referentes à organização do espaço, como a Arquitetura e a Geografia, o tratamento dos vazios urbanos é um tema vasto para investigação. É possível revitalizar estes espaços com alternativas diversas. Podem ser usados como oficinas, depósitos, escritórios, centros de compras ou de recreação. Podem transformar-se em equipamentos de uso coletivo como escolas e museus ou em espaço para habitação.

As formas de intervenção nestes espaços de regressão industrial, se diversificam e podem ser levadas a efeito em áreas de qualquer dimensão. Nas antigas bacias e vilas industriais francesas têm ocorrido alterações espetaculares, mas a um custo que corresponde a dezenas de anos de trabalho.

Já os espaços novos, de renovação industrial, respondem a uma tríplice tendência: metropolização, tecnopolização e, no caso francês, a uma meridionalização. Os espaços dinâmicos são as grandes metrópoles francesas (Paris e metrópoles da periferia nacional). Há uma nítida aproximação entre cidades ou metrópoles novas e tecnopólos, que são numerosos e, em sua maioria, localizados no sul do país. Estes tecnopólos apresentam algumas características comuns. Neste caso inclui-se uma localização de bom acesso, com facilidade de comunicação, que permita fácil circulação de mercadorias de alto valor e baixo peso, de pessoas (trabalhadores, clientes, representantes), de decisões de marketing. As vantagens locais têm criado uma hierarquia de lugares, com destaque aos aeroportos internacionais e nacionais - capazes de atender às novas necessidades da atual divisão internacional do trabalho, com o setor produtivo situado na periferia e o periprodutivo nos países centrais - aos nós ferroviários e às vias férreas. Outras características comuns a estes espaços são o dinamismo, a integração de funções e a composição de um novo con

ceito de organização do espaço. Para este concorre a realização de uma economia de escala, fundada nos avanços da informática e das comunicações via satélite, promotoras do desenvolvimento de novas atividades industriais. Os prédios que abrigam tais empresas são polivalentes, reunindo oficinas, depósitos, escritórios, salas de informática, etc., modulados e não têm dependência a um dado espaço geográfico. Têm, assim, maior mobilidade espacial. Há uma promoção internacional de construções padronizadas de alta qualidade atendendo às expectativas desta população usuária, que dispõe de maior nível sócio-econômico.

O que se verifica, portanto, segundo a exposição do Prof. Malézieux, é a estreita relação que se mantém, nestes velhos países industrializados, entre o comportamento do processo de industrialização e a organização do espaço geográfico, em especial do espaço urbano.